



**DA LUTA POR AUTODETERMINAÇÃO EM NARRATIVAS PALESTINA E
LATINO-AMERICANA: representações a partir de Ghassan Kanafani e
Miguel Ángel Asturias**

**ABOUT THE FIGHTING FOR SELF-DETERMINATION IN PALESTINIAN AND
LATIN AMERICAN NARRATIVES: representations through Ghassan
Kanafani and Miguel Ángel Asturias**

**DE LA LUCHA POR LA AUTODETERMINACIÓN EN LAS NARRATIVAS
PALESTINA Y LATINOAMERICANA: representaciones a partir de Ghassan
Kanafani y Miguel Ángel Asturias**

Amanda Brandão Araújo Moreno¹ & Tânia Mara Rupp Bourbon Nava²

Resumo: Este ensaio intenta explorar e comparar a questão da luta por autodeterminação em

¹ Amanda Brandão Araújo Moreno é Professora de Língua Espanhola e Literaturas de Língua Espanhola do Departamento de Letras e Professora do Quadro Permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL) da Universidade Federal Rural de Pernambuco. É líder do Grupo de Pesquisa "Narrativas hispano-americanas do século XX" (UFRPE/CNPQ). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8678-9572>. Email: amanda.brandao.moreno@ufrpe.br.

² Tânia Mara Rupp Bourbon Nava é Professora II de Língua Portuguesa da rede municipal de ensino do Recife, em exercício como servidora efetiva desde 2025. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Integra, hodiernamente, o Grupo de Pesquisa "Narrativas Hispano-Americanas do Século XX" (UFRPE/DGP/CNPq), sob a coordenação da Profa. Dra. Amanda Brandão Araújo Moreno, no qual desenvolve pesquisas no âmbito do projeto "Narrativas Insólitas, Disruptivas, Decoloniais". ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-3400-2735>. E-mail: tania.bourbon@ufrpe.br.

narrativas palestinas e latino-americanas, utilizando como foco de análise os romances *Homens ao Sol*, do palestino Ghassan Kanafani, e *O Senhor Presidente*, do guatemalteco Miguel Ángel Asturias. Ambos os autores, embora distintos em suas técnicas narrativas e estilos literários, convergem na exploração de temas críticos que transcendem suas respectivas culturas. Assim, este estudo será conduzido à luz dos Estudos Culturais de linha marxista, mais especificamente a partir dos estudos de Raymond Williams (1979), através dos quais investigaremos como as narrativas literárias refletem e contribuem para as lutas por autodeterminação, bem como quais são as semelhanças e diferenças entre os contextos políticos, sociais e culturais dos referidos locais e, ainda, de que modos os elementos literários das obras são manejados para transmitir as experiências de luta e resistência dos povos palestino e latino-americano.

Palavras-chave: Autodeterminação; Literatura palestina; Literatura latino-americana.

34

Abstract: This essay aims to explore and compare the issue of the fighting for self-determination represented in Palestinian and Latin American narratives, focusing on the novels *Men in the Sun* by Palestinian author Ghassan Kanafani and *The President* by Guatemalan author Miguel Ángel Asturias. Despite their distinct narrative techniques and literary styles, both authors converge in their exploration of critical themes that transcend their respective cultures. This study will be conducted through marxist Cultural Studies, more specifically through the works of Raymond Williams (1979), to investigate how literary narratives reflect and contribute to the fighting for self-determination. We will analyze the similarities and differences between the political, social, and cultural contexts of these regions and examine how the literary elements of the novels are used to convey the experiences of struggle and resistance of Palestinian and Latin American peoples.

Keywords: Self-determination; Palestinian Literature; Latin American Literature.

Resumen: Este ensayo tiene como objetivo explorar y comparar la cuestión de la lucha por la autodeterminación en narrativas palestinas y latinoamericanas, utilizando como foco de análisis las novelas *Hombres en el Sol*, del palestino Ghassan Kanafani, y *El Señor Presidente*, del guatemalteco Miguel Ángel Asturias. Ambos autores, aunque diferentes en sus técnicas narrativas y estilos literarios, convergen en la exploración de temas críticos que trascienden sus respectivas culturas. Así, este estudio se concibe a la luz de los Estudios Culturales de sesgo marxista, específicamente a partir de los estudios de Raymond Williams (1979), a través de los cuales investigaremos cómo las narrativas literarias reflejan y contribuyen a las luchas por la autodeterminación, así como las semejanzas y diferencias entre los contextos políticos, sociales y culturales de los mencionados lugares y, además, de qué manera los elementos literarios de las obras se manejan para transmitir las experiencias de lucha y resistencia de los pueblos palestino y latinoamericano.

Palabras clave: Autodeterminación; Literatura palestina; Literatura latinoamericana.

ANTEÂMBULO

Parto do princípio moral de que os seres humanos, individual e seletivamente, possuem direitos fundamentais, sendo a **autodeterminação** um deles. Quero dizer com isso que nenhum ser humano deveria ser ameaçado de “transferência” de sua casa ou de sua terra; nenhum ser humano deveria ser discriminado por não pertencer a esta ou àquela religião; nenhum ser humano deveria ser destituído de sua pátria, de sua identidade nacional ou de sua cultura, seja qual for o motivo (Said, 2012, p. 47, grifo nosso).

Consentânea à proposta deste estudo, a afirmação de Said (2012) traz à tona realidades enfrentadas pelos países latino-americanos e pela Palestina, os quais, embora marcadamente distintos em vários aspectos, partilham contextos socioculturais e históricos marcados pela opressão e pela necessidade de um ferramental multifacetado de resistência às dominações culturais e territoriais. Em um quadro como o que pretendemos ora organizar, a literatura deve ser entendida como um fenômeno complexo, em que a estrutura literária e a função histórica são indissociáveis.

Candido (2023) argumenta que a realidade social não deve ser vista apenas como pano de fundo ou simples influência externa na literatura, mas como um componente essencial que se integra à própria estrutura da obra literária, conferindo-lhe significado e função dentro de seu contexto histórico: "[...] o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno" (Candido, 2023, p. 16).

35

Acompanhando essas reflexões, destacamos que, nos contextos socioculturais das obras analisadas, a literatura emerge como um veículo expressivo das lutas pela autodeterminação. No caso da Palestina, Ghassan Kanafani retrata a dolorosa experiência dos refugiados palestinos e sua busca por terra, identidade e liberdade. Já Miguel Ángel Asturias, através de uma crítica ao regime ditatorial na Guatemala, ilustra a opressão dos povos latino-americanos frente aos golpes de Estado e subsequentes ditaduras.

Explorando o conceito de autodeterminação no contexto das lutas nacionais e anticoloniais, Lênin (1977) define a autodeterminação como o direito de uma nação oprimida se separar politicamente da nação opressora, e, portanto, o direito à formação de um Estado independente. Esse princípio, para Lênin, não é apenas

uma questão de moralidade, mas uma necessidade política nas lutas anticoloniais e no processo de emancipação das nações submetidas ao imperialismo. Ele argumenta que o reconhecimento do direito à autodeterminação é essencial para a unificação do proletariado internacional, pois ao lutar contra a opressão nacional, os trabalhadores de uma nação oprimida podem se aliar ao proletariado da nação oprimida, fortalecendo a luta global contra o capitalismo.

Lênin (1977) também discute a discordância com Rosa Luxemburgo, que vê a autodeterminação como um conceito potencialmente reacionário. Sobre o assunto, Luxemburgo argumenta que a insistência na autodeterminação pode fragmentar a luta proletária ao dividir o movimento operário em linhas nacionais, enfraquecendo a solidariedade internacional necessária para a revolução socialista. Em resposta, Lênin sublinha que a defesa do direito à autodeterminação não significa apoiar todos os movimentos separatistas indiscriminadamente. Ao contrário, trata-se de reconhecer esse direito como parte integrante da luta contra o imperialismo e pela emancipação dos povos oprimidos. Para Lênin, a autodeterminação é um meio de garantir que a classe trabalhadora de todas as nações possa unir-se em igualdade de condições, livre das correntes do chauvinismo e da opressão nacional.

36

Esse conceito de autodeterminação é altamente relevante quando contextualizado com as lutas palestinas e latino-americanas. Tanto na Palestina quanto na América Latina, a luta pelo direito à autodeterminação tem se manifestado como uma resposta à opressão colonial e imperialista, que nega aos povos oprimidos o direito de controlar seus próprios destinos. No caso palestino, a autodeterminação é uma questão central na luta contra a ocupação israelense, na busca pela formação de um Estado independente e no reconhecimento internacional dos direitos nacionais palestinos. Na América Latina, a luta por autodeterminação tem sido historicamente vinculada à resistência contra o imperialismo, particularmente o estadunidense, e à busca por soberania política e econômica. Assim, a perspectiva de Lênin sobre a autodeterminação oferece um marco teórico para entender essas lutas como parte de um movimento global contra o imperialismo e pela emancipação dos povos oprimidos, ressaltando a importância da solidariedade internacional na construção de uma sociedade justa e igualitária.

Isso dito, este ensaio busca identificar como as narrativas literárias de Kanafani e Astúrias não apenas refletem, mas também contribuem para as lutas

por autodeterminação em seus respectivos contextos. Além disso, pretende-se captar e comparar os elementos literários e temáticos que os autores utilizam para transmitir as experiências de luta e resistência dos "condenados da terra" (Fanon, 1961) a quem fazem referência. A relevância desta análise reside na compreensão de como a literatura pode se vincular aos processos de supressão e resistência dos povos palestino e latino-americano, e de como esses processos se distanciam e se aproximam enquanto representações estéticas. A escolha de Miguel Ángel Asturias e Ghassan Kanafani para uma análise comparativa justifica-se pela profundidade com que ambos abordam temas amplos de opressão e luta por autodeterminação, situando suas narrativas em contextos históricos e culturais específicos que amplificam a relevância de suas obras.

Embora distintos em suas técnicas narrativas e estilos literários, ambos os autores convergem ao levantar temas críticos que transcendem suas respectivas culturas. Enquanto Asturias utiliza o realismo mágico para criticar o autoritarismo, criando uma narrativa poética e grotesca, Kanafani adota uma espécie de realismo social para representar a condição dos refugiados palestinos de maneira direta e impactante. Nesse contexto, é possível inferir como a experiência e busca por autodeterminação pode plasmar-se literariamente a partir de mecanismos narratológicos que perpassam decisões individuais dos autores, mas também relacionam-se com um horizonte de expectativa de tradições literárias que são afeitas a contextos sócio-históricos específicos. As diferenças estilísticas entre os dois autores fornecem uma base rica para a comparação, permitindo uma análise das diversas maneiras pelas quais a literatura pode abordar e representar universais como poder, opressão e resistência em diferentes contextos.

O SOCIAL E A ARTE: uma relação dialética

Uma interpretação dialética da relação entre meio social e obra de arte, segundo Cândido (1965), implica em perguntar, consecutivamente, qual é a influência que o meio social exerce sobre a obra e qual a influência que a obra exerce sobre o meio social. Sobre isso, Williams (1979), adotando uma perspectiva materialista a respeito das categorias de Cultura e Literatura, afirma que

a literatura é com frequência uma articulação e, com efeito, uma nova formação que se estende além de seus próprios modos. Mas **isolá-la como arte**, que na prática inclui (sempre em parte e por vezes no todo) elementos de outro ponto de continuo, **é perder contato com o processo criativo substantivo e idealizá-lo, colocá-lo acima ou abaixo do social, quando ele é na verdade o social**, numa de suas formas mais características, duráveis e totais (Williams, 1979, p. 211, grifos nossos).

Williams (1979), dessarte, situa a literatura não apenas como um reflexo passivo da sociedade, mas como uma prática ativa que articula novas formas de compreensão e organização social. Segundo o culturólogo, ela não apenas reflete como também molda e perpetua as estruturas sociais ao longo do tempo, tornando-se uma manifestação da sociedade. Assim, a abordagem teórica de Williams nos permite analisar e comparar *Homens ao Sol* e *O Senhor Presidente* em termos de como as obras refletem as condições sociais e políticas, intervêm na realidade e desafiam a hegemonia (Gramsci, 2022).

Ghassan Kanafani, escritor marxista-leninista e co-fundador da Frente Popular para a Libertação da Palestina, assim como muitos de seus contemporâneos, viveu no exílio e tornou-se uma voz literária fundamental na representação da experiência palestina. Sua obra explora a dor do deslocamento, a perda de identidade e a incessante busca por lar e dignidade após o Nakba. O contexto da ocupação israelense e das subsequentes guerras árabe-israelenses constitui o pano de fundo das narrativas de Kanafani, impregnando suas histórias com um forte senso de urgência e resistência:

Como intelectual revolucionário, Kanafani procurou alcançar no campo cultural o que outros palestinos tentavam conquistar através da luta militante, a fim de obter justiça e libertação para seu povo dentro de uma visão universal e humanista que rejeita a opressão, independentemente de suas raízes e causas. Não é de se surpreender que seus escritos se tornassem associados entre leitores e críticos a um gênero político que ele ajudou a tornar famoso, a saber, “literatura de resistência”, participando ideologicamente dos esforços de libertação nacional e dos movimentos de independência (Neimneh, 2022, SP).

Em *Homens ao Sol*, Kanafani narra a jornada de três homens que tentam cruzar a fronteira para o Kuwait em busca de uma vida melhor. A narrativa simboliza a desesperança e os desafios enfrentados pelos palestinos em busca de um futuro, refletindo as condições socioeconômicas precárias e a falta de oportunidades enfrentadas por muitos palestinos na época, além de criticar a apatia do mundo em relação ao sofrimento palestino.

A luta pela autodeterminação, nesse contexto, envolve desafios significativos, enraizados nas percepções negativas e na dispersão do povo. Conforme aponta Said (2012),

apesar da súbita atenção destinada a eles, os palestinos ainda são percebidos – às vezes até por eles próprios – a partir de um conjunto de atributos basicamente negativos. Sendo esse o caso, o processo em direção à plena autodeterminação [self-determination] palestina será extremamente difícil, uma vez que a autodeterminação só seria possível se existe um “self” claramente discernível a ser determinado. O exílio e a dispersão tornam o problema evidente; durante boa parte do século XX, os palestinos se manifestaram, no mundo e na história, na maioria das vezes como recusa e rejeição. Eles foram associados à oposição ao sionismo, ao “cerne” do problema do Oriente Médio, ao terrorismo, à intransigência – e a lista é longa e pouco lisonjeira. Eles tiveram a extraordinária má sorte de ter uma boa justificativa para resistir à invasão de sua terra natal, combinada – no plano internacional e moral – com o oponente mais moralmente complexo de todos, os judeus, que têm uma longa história de terror e vitimização (Said, 2012, p. 164).

Essa visão ressoa profundamente com a obra de Ghassan Kanafani, cujas narrativas frequentemente exploram a identidade palestina em meio ao exílio e à resistência. Na obra ora analisada, por exemplo, Kanafani retrata personagens que, desprovidos de uma pátria reconhecida, lutam para encontrar significado e dignidade em uma vida de deslocamento e adversidade. Assim, tanto Said quanto Kanafani sublinham a necessidade de redefinir uma identidade palestina unificada e positiva como um passo essencial na luta pela autodeterminação e reconhecimento internacional.

39

Em *Homens ao Sol*, numa análise de Said, a realidade dos palestinos não é estável nem garantida, nem mesmo entre os árabes fraternos. Eles vivem uma existência em que o passado parece rompido antes de frutificar, e o presente é marcado por responsabilidades e desafios imediatos:

O principal conflito da obra é essa discussão no presente; impelido pelo exílio e pelo deslocamento, o palestino deve cavar um caminho na existência, que não é de modo algum uma realidade estável ou “dada”, mesmo entre árabes fraternos. Assim como a terra que deixou, seu passado parece rompido no momento, imediatamente antes de frutificar; entretanto, o homem tem família, responsabilidades, uma vida para levar no presente. Pois não é somente seu futuro que é incerto; até a dificuldade de sua situação presente aumenta, enquanto ele mal consegue manter o equilíbrio no tráfego agitado da rua empoeirada. O dia, o sol, o presente – estão todos ao mesmo tempo ali, hostis, instigando-o a sair da proteção, ora nebulosa, ora endurecida, da memória e da fantasia. Quando finalmente os homens se movem de seu deserto espiritual para o presente, rumo ao futuro, eles escolhem com relutância, porém

necessariamente: eles vão morrer – invisíveis, anônimos, sob o sol, no mesmo presente que os tirou de seus passados e zomba deles por seu desamparo e sua inatividade. (Said, 2012, p. 194)

Por outro lado, escrito na década de 1940 e publicado em 1946, *O Senhor Presidente*, de Miguel Ángel Asturias, foi concebido durante um período de instabilidade política e repressão na Guatemala. Asturias escreveu o romance como uma crítica aos regimes ditoriais que prevaleciam na América Latina, inspirando-se especificamente na ditadura de Manuel Estrada Cabrera, que governou a Guatemala de 1898 a 1920. O romance é uma resposta ao ambiente de censura, opressão e violência que caracterizava esses regimes.

Em sua análise sobre os regimes ditoriais na América Latina, Galeano (1978) denuncia a hipocrisia e a manipulação política que caracterizam essas ditaduras. Segundo o autor, na América Latina,

a luta de classes não existe – decreta-se –, sobretudo por culpa dos agentes forâneos que a incitam, mas em troca existem as classes sociais, e à opressão de umas pelas outras dá-se o nome de estilo ocidental de vida. As expedições criminosas dos marines têm por objetivo restabelecer a ordem e a paz social, e as ditaduras submissas a Washington fundam nos cárceres o estado de direito e proíbem as greves e aniquilam os sindicatos para proteger a liberdade de trabalho. Tudo nos é proibido, exceto cruzar os braços? A pobreza não está escrita nas estrelas, o subdesenvolvimento não é fruto de um obscuro designio de Deus. Correm anos de revolução, tempos de redenção. As classes dominantes põem as barbas de molho e, ao mesmo tempo, anunciam o inferno para todos (Galeano, 1978, p. 11).

40

Astúrias, influenciado pelo realismo mágico e pelas tradições culturais indígenas, criou uma narrativa que mistura realidade e fantasia para expor a brutalidade do poder autocrático. O contexto guatemalteco de exploração econômica, desigualdade social e repressão política permeia a obra, refletindo as condições vividas pelo povo sob a ditadura, a corrupção, manipulação e terror do Estado, demonstrando como o poder absoluto corrompe e desumaniza. A história se desenrola em uma cidade sem nome, dominada pelo medo e pela opressão, onde o presidente é uma figura onipresente e tirânica. O autor — não declaradamente maxista mas evidentemente adepto de uma visão materialista-dialética do mundo (Cueva, 1987) — utiliza personagens arquetípicos para representar diferentes aspectos da sociedade guatemalteca, criando uma crítica abrangente e incisiva ao autoritarismo fascista.

HOMENS AO SOL em perspectiva

Homens ao Sol é uma narrativa profundamente crítica das condições enfrentadas pelos palestinos após a Nakba, em 1948. Através das histórias de Abu Qais, Assad e Marwan, a obra explora a luta pela sobrevivência, as dinâmicas de poder e classe e a busca pela autodeterminação palestina.

A obra inicia com Abu Qais, um homem idoso que representa a geração que vivenciou a perda direta de suas terras e a subsequente marginalização. Sua conexão com a terra e o desejo de reconstruir a vida simbolizam a resistência e a resiliência do povo palestino. Movido pela memória do passado e pela esperança de um futuro melhor para seus filhos, Abu Qais reflete sobre seu passado e a terra perdida com um sentimento de nostalgia e dor em um trecho que sublinha a ligação visceral entre o personagem e sua terra natal, uma relação que se tornou amarga pela desapropriação:

"Abu Qais repousou o peito no solo orvalhado e a terra começou a pulsar debaixo dele, com batimentos de um coração cansado que faziam tremer cada grão de areia e penetravam as células de seu corpo. Desde a primeira vez, sempre que ele se atirava de peito na terra sentia aquela pulsação, como se o coração da terra forçasse sua difícil passagem até a luz desde as profundezas do inferno" (Kanafani, 2022, p. 8).

41

Por outro lado, Assad representa a juventude que busca reconstruir a vida em meio à desilusão e à desesperança. Sua jornada é marcada por uma série de fracassos e frustrações, refletindo a realidade de muitos palestinos que tentaram encontrar estabilidade longe de casa. Assad é pragmático, mas também carrega uma profunda amargura em relação à traição e à exploração que enfrenta. Dez anos antes, durante uma investida bélica de Israel às terras palestinas, ele diz:

De repente, um pensamento sombrio lhe ocorreu e ele começou a gritar como um louco. Não conseguia se lembrar do que dissera então, mas sentiu uma mão coberta com uma luva escorregadia apertar sua boca com força. Uma voz chegou até ele como se atravessasse um punhado de algodão.

— Seja sensato. Seja sensato. Pelo menos é melhor do que morrer! Ele não sabia se podiam escutá-lo gritar por entre os dentes [...].

— Não, a morte é melhor! (Kanafani, 2022, p. 41).

Essa passagem, em que ele alega preferir morrer a viver tantas humilhações, destaca o desespero e a falta de alternativas viáveis para os refugiados, presos entre a pobreza extrema e a exploração.

Marwan, o mais jovem dos três, personifica a nova geração forçada a abandonar suas aspirações pessoais para sustentar a família. Após a morte de seu pai e o desaparecimento de seu irmão, ele é empurrado para a responsabilidade prematura. Esse personagem reflete a dureza da vida juvenil palestina, onde a educação e os sonhos são frequentemente sacrificados, e promete ajudar toda sua família assim que começar a ganhar a vida no Kuwait, como se estivesse, com isso, em busca de esperança e resignação:

[...] Em poucos dias ele estaria no Kuwait. Seria bom se Zakaria o ajudasse, mas, se ele fingisse não o conhecer, ele descobriria como começar, como fizeram muitos outros. Enviaria cada centavo que ganhasse para a mãe, e cobriria ela e seus irmãos e irmãs de presentes até transformar o casebre de barro num paraíso, fazendo seu pai morder os dedos de arrependimento. (Kanafani, 2022, p. 31).

A passagem a seguir encapsula a desilusão e a exploração enfrentadas pelos refugiados palestinos em sua busca desesperada por uma vida melhor. A história de Hassanain, contada pelo seu primo durante a viagem, pode ser lida como metáfora poderosa para a traição e a vulnerabilidade dos refugiados, que são frequentemente enganados por aqueles que prometem segurança e esperança, mas entregam apenas mais sofrimento:

Tenho um primo, chamado Hassanain, que certa vez tentou atravessar a fronteira clandestinamente. Depois de dez horas caminhando, a noite caiu e o contrabandista apontou para umas luzes ao longe e disse ao grupo: 'Lá está o Kuwait. Meia hora de caminhada'. Sabe o que aconteceu? Não era o Kuwait, era uma remota vila iraquiana. Posso contar milhares de histórias como essa. (Kanafani, 2022, p. 42).

42

Essa narrativa não é isolada, portanto, mas representa muitas histórias semelhantes, sublinhando a magnitude da crise dos refugiados. Através dessa passagem, são ilustradas criticamente as condições socioeconômicas e políticas que forçam os palestinos a arriscar suas vidas, ao mesmo tempo que expõe a exploração cruel que enfrentam em sua jornada, transformando a experiência individual em um símbolo coletivo da tragédia.

O deserto, um elemento simbólico recorrente na obra, representa tanto a jornada física quanto a metáfora do desespero e da desesperança. A travessia do deserto é uma prova de resistência e sobrevivência, simbolizando a vastidão do sofrimento dos fugitivos despatriados:

O caminhão segue sobre a pista em chamas, o motor ruge como a boca de um gigante devorando a estrada.

No bojo do céu, o sol traçava uma ampla cúpula de fulgor branco sobre o deserto, e a trilha de poeira refletia um brilho quase ofuscante. Eles costumavam dizer, sobre alguém que não voltava do Kuwait, que tinha morrido de golpe do sol. (Kanafani, 2022, p. 53).

A morte dos personagens no tanque de água é o clímax trágico que encapsula a essência de sua luta. Eles morreram em silêncio, incapazes de bater nas paredes do tanque. Um final silencioso para uma vida de sofrimento e desespero, esta cena final é uma metáfora da sufocação e da ausência de voz e agência dos palestinos, esmagados pelas estruturas opressivas que os rodeiam:

Estava muito escuro e no início ele não conseguia enxegar nada, mas quando moveu o corpo para longe da abertura, um círculo de luz amarela iluminou as profundezas e mostrou um peito coberto de pêlos grisalhos espessos que brilhavam com intensidade, como se fossem tingidos com metal. Varapau se inclinou para pôr o ouvido no pelo cinza úmido. O corpo estava frio e imóvel. Estendendo a mão, tateou o caminho até a parte de trás do tanque. Outro corpo ainda segurava o suporte metálico. Tentou encontrar a cabeça, mas só podia sentir os ombros molhados; então percebeu que a cabeça pendia sobre o peito. Quando sua mão tocou o rosto, caiu numa boca escancarada. (Kanafani, 2022, p. 59).

Além disso, a busca pela autodeterminação é um tema subjacente em *Homens ao Sol*. Os personagens, em suas diferentes jornadas, representam uma luta contínua pela dignidade e pelo direito de controlar seus próprios destinos. Abu Qais, ao refletir sobre sua terra perdida, expressa um desejo profundo de retornar, reconstruir sua casa, replantar suas oliveiras e sentir a terra sob seus pés novamente. Este anseio simboliza a conexão inquebrável entre os palestinos e sua terra, bem como a luta pela recuperação de um espaço onde possam viver com dignidade.

43

Assad, apesar de sua amargura e desilusão, também busca um sentido de autodeterminação ao tentar escapar da exploração e encontrar uma vida melhor. Sua resistência à exploração do contrabandista Varapau e sua insistência em negociar termos justos para a travessia refletem um esforço consciente para não se submeter passivamente às circunstâncias.

Marwan, apesar de sua juventude e inexperiência, carrega a esperança de que, ao trabalhar no Kuwait, possa melhorar a situação de sua família e, por extensão, contribuir para a luta mais ampla de seu povo. Este sentimento de Marwan é representativo de uma geração que, embora tenha nascido no exílio, mantém viva a esperança de um futuro onde a autodeterminação seja possível.

ANÁLISE D'O SENHOR Presidente

Em *El Señor Presidente*, de Miguel Ángel Asturias, o autor oferece uma crítica contundente à ditadura e suas repercuções devastadoras sobre a sociedade e os indivíduos. Através de personagens simbólicos e situações intensas, Asturias constrói uma narrativa rica e perturbadora sobre a opressão e a desumanização que permeiam um regime autoritário.

A figura do Presidente é representada como um símbolo de severidade e insensibilidade, sempre vestido de luto rigoroso, o que evoca a morte e o desespero prevalentes sob seu regime. Esta descrição enfatiza a imagem de um governante implacável, perpetuamente em luto não por uma perda pessoal, mas pela condição de sua nação:

El Presidente vestía, como siempre, de luto riguroso: negros los zapatos, negro el traje, negra la corbata, negro el sombrero que nunca se quitaba; en los bigotes canos, peinados sobre las comisuras de los labios, disimulaba las encías sin dientes, tenía los carrillos pellejudos y los párpados como pellizcados (Asturias, 1946, p. 83).

A desumanização dos cidadãos é um tema central na obra, exemplificado pela situação deplorável dos *pordioseros* (mendigos). Asturias apresenta uma imagem vívida da miséria e exclusão social em uma passagem que revela a extrema marginalização e luta pela sobrevivência dos mais vulneráveis, abandonados à sua sorte em um cenário urbano desolador:

Los pordioseros se arrastraban por las cocinas del mercado, perdidos en la sombra de la Catedral helada, de paso hacia la Plaza de Armas, a lo largo de calles tan anchas como mares, en la ciudad que se iba quedando atrás íngrima y sola (Asturias, 1946, p. 27).

A vigilância constante e a opressão são aspectos cruciais do regime, onde o medo é uma ferramenta de controle. Um exemplo poderoso é a imagem de uma patrulha arrastando brutalmente um prisioneiro político: “A veces, los pasos de una patrulla que a golpes arrastraba a un prisionero político, seguido de mujeres que limpiaban las huellas de sangre con los pañuelos empapados en llanto” (Asturias, 1946, p. 30). Essa cena não só demonstra a violência física, mas também a dor emocional infligida à comunidade, simbolizada pelas mulheres que limpam o sangue em prantos.

A resistência ao regime é retratada como heroica, mas tragicamente inútil. A figura do Pelele, que luta desesperadamente contra um soldado, ilustra a brutalidade e a futilidade da resistência: “El Pelele se le fue encima y, sin darle tiempo a que hiciera uso de sus armas, le enterró los dedos en los ojos, le hizo pedazos la nariz a dentelladas y le golpeó las partes con las rodillas hasta dejarlo inerte” (Asturias, 1946, p. 34). Este ato de desespero mostra a violência descontrolada e a falta de esperança que permeiam a vida sob a ditadura.

O impacto psicológico do regime tirânico é evidente nas descrições grotescas e assustadoras que Astúrias faz dos seus personagens. As “caras de los antropófagos, iluminadas como faroles, avanzaban por las tinieblas, los cachetes como nalgas, los bigotes como babas de chocolate” (Asturias, 1946, p. 52) simbolizam a monstruosidade e a deformidade moral dos apoiadores do regime.

Miguel Cara de Ángel é um dos personagens mais intrigantes do romance. Ele é descrito como o braço direito do Presidente, alguém que goza da total confiança do líder tirânico: “Miguel Cara de Ángel, el hombre de toda la confianza del Presidente, entró de sobremesa — ¡Mil excusas, señor Presidente! — dijo al asomar a la puerta del comedor. (Era bello y malo como Satán)” (Asturias, 1946, p. 83). Sua proximidade com o poder o coloca em uma posição de influência e responsabilidade dentro do regime opressor.

45

É, portanto, um personagem dual, refletindo tanto a beleza quanto a maldade. Sua descrição física, com uma aparência quase angelical, contrasta fortemente com suas ações e a corrupção moral que ele incorpora. Este contraste é uma crítica direta ao poder corrompido e à hipocrisia dentro do regime. Embora ele esteja profundamente envolvido nas maquinações do governo, sua complexidade emocional e moral é revelada ao longo da narrativa, sugerindo um conflito interno entre suas ações e qualquer senso de moralidade que ainda possa possuir. A relação de Cara de Ángel com o Presidente também simboliza a dinâmica de poder e submissão que caracteriza as ditaduras. Ele é um executor das vontades do Presidente, mas ao mesmo tempo, é um homem que parece estar ciente das atrocidades que comete, o que adiciona uma camada de tragédia pessoal à sua caracterização.

Camila é apresentada como o símbolo da inocência e pureza, envolvida tragicamente nas maquinações da ditadura: “Camila, símbolo de inocencia y pureza, se encuentra trágicamente envuelta en las maquinaciones del régimen” (Asturias, 1946, p. 76). Sua figura representa a vulnerabilidade e o sacrifício dos

inocentes em meio à tirania e opressão. Ela, com sua pureza inata, é contrastada com a corrupção e brutalidade ao seu redor. Sua tragédia pessoal é uma metáfora para a perda da inocência da sociedade como um todo sob um regime ditatorial. O envolvimento de Camila com Miguel Cara de Ángel adiciona uma dimensão pessoal e emocional à narrativa, mostrando como indivíduos com diferentes níveis de moralidade e poder são inevitavelmente arrastados para a rede de corrupção e violência.

A obra termina com uma reflexão amarga sobre a resistência e a condição humana sob regimes autoritários. Asturias sugere que, sob um governo tirânico, a luta pela justiça e liberdade é não apenas fútil, mas trágica. *O Senhor Presidente* não só retrata a opressão física, mas também a desintegração psicológica e moral de uma nação. A narrativa de Astúrias é um grito desesperado contra a desumanização, um chamado à memória histórica e uma advertência sobre os perigos do poder absoluto e da corrupção.

A questão da autodeterminação aqui é representada de forma complexa e trágica. O regime autoritário descrito por Asturias não apenas oprime fisicamente, mas também destroi a capacidade dos indivíduos de se autodeterminarem, subjugando suas vontades ao poder tirânico do Presidente. Personagens como Miguel Cara de Anjo e Camila exemplificam como a falta de autonomia e a manipulação pelo regime corroem qualquer esperança de resistência efetiva. Assim, o romance de Asturias expõe a luta pela autodeterminação como uma batalha quase impossível em um contexto onde a opressão é total, e a liberdade, um ideal inalcançável. A obra, portanto, não só critica a tirania, mas também oferece uma reflexão profunda sobre os limites da resistência e a busca incessante por dignidade em meio à desumanização.

46

Essa análise do romance de Miguel Ángel Asturias sublinha a habilidade do autor em mesclar realismo mágico com crítica social profunda, criando uma narrativa que permanece relevante como uma denúncia contra todas as formas de opressão e tirania. Através de personagens complexos e situações intensas, Asturias oferece uma visão perturbadora e comovente das repercussões devastadoras de um regime ditatorial sobre a sociedade e os indivíduos.

A RESISTÊNCIA PALESTINA E LATINO-AMERICANA: aproximações e distanciamentos

Ao analisarmos *Homens ao Sol*, de Ghassan Kanafani, e *O Senhor Presidente*, de Miguel Ángel Asturias, é possível identificar uma série de semelhanças e diferenças que elucidam como cada autor abordou a questão da luta por autodeterminação em seus respectivos contextos. Ambas as obras emergem de contextos históricos diferentes, mas enraizados em realidades de opressão e resistência.

Kanafani escreveu sua obra em meio à crise dos refugiados palestinos após 1948, refletindo a desumanização e o sofrimento de um povo deslocado pela criação do Estado de Israel. Em contraste, Asturias criou seu romance durante um período de ditadura na Guatemala, utilizando a figura do Presidente para simbolizar a repressão e a tirania que caracterizavam os regimes autoritários latino-americanos da época. Apesar dessas diferenças, ambos os contextos compartilham um tema subjacente: a luta contra a opressão e pela recuperação da dignidade e autodeterminação.

Os personagens de ambas as obras são representações poderosas das condições sociopolíticas enfrentadas por seus povos. Em *Homens ao Sol*, Abu Qais, Assad e Marwan personificam diferentes aspectos do sofrimento palestino: a nostalgia pelo lar perdido, a desilusão juvenil e a pressão da responsabilidade familiar. Em *O Senhor Presidente*, Miguel Cara de Anjo e Camila emergem como símbolos de lealdade conflituosa e inocência corrompida, enquanto o próprio Presidente é a personificação do poder tirânico fascista. Ambas as obras utilizam seus personagens para ilustrar a resistência e a vulnerabilidade diante da opressão.

47

Enquanto o tema central de *Homens ao Sol* é a desumanização e o sofrimento dos refugiados palestinos, *O Senhor Presidente* foca na crítica ao despotismo e suas consequências devastadoras. Em ambas as obras, temáticas como a corrupção, a luta pela dignidade e a resistência contra a opressão permeiam as narrativas. Kanafani destaca a desesperança e a busca incessante por uma vida melhor, enquanto Asturias explora o medo, a repressão e o sacrifício inerentes a um regime autoritário.

As estruturas narrativas dos romances refletem as abordagens distintas dos autores. Kanafani opta por uma narrativa linear, centrada na jornada física e emocional de seus personagens, criando uma leitura direta e impactante. Asturias, por outro lado, emprega uma narrativa não-linear e multifacetada, utilizando múltiplas perspectivas para aprofundar a crítica ao regime ditatorial. Essa diferença na estrutura narrativa não apenas distingue as obras estilisticamente,

mas também enriquece a forma como cada autor aborda a questão da opressão e resistência.

Astúrias é conhecido pelo uso do realismo mágico, que mistura realidade e fantasia para acentuar a crítica social. Sua prosa é poética, carregada de imagens vívidas e metáforas que criam uma atmosfera onírica e, por vezes, grotesca. Em contrapartida, Kanafani utiliza um estilo realista e direto, com descrições vívidas e diálogos que sublinham a brutalidade da realidade enfrentada pelos refugiados palestinos. Essa diferença estilística reflete as distintas tradições literárias e culturais de cada autor, ao mesmo tempo em que ambas as abordagens são eficazes em transmitir a profundidade da opressão e da resistência.

Os símbolos e metáforas desempenham papéis cruciais em ambas as obras. Em *Homens ao Sol*, o deserto e o tanque de água são símbolos do desespero e da sufocação enfrentados pelos personagens. A travessia do deserto pode ser interpretada como uma metáfora para a árdua jornada em busca de dignidade e liberdade. Em *O Senhor Presidente*, por outro lado, a cidade sem nome e o palácio presidencial são símbolos da opressão e do poder absoluto. Metáforas como a tirania como uma doença reforçam a crítica ao regime autoritário. Essas imagens simbólicas e metáforas não apenas enriquecem as narrativas, mas também intensificam as mensagens de resistência e busca por autodeterminação.

48

Os diálogos em *Homens ao Sol* são simples e diretos, refletindo a brutalidade da vida dos refugiados. Kanafani utiliza uma linguagem enxuta e poderosa, focada no impacto emocional e na clareza da mensagem. Em *O Senhor Presidente*, os diálogos são carregados de sarcasmo e ironia, refletindo a hipocrisia do poder. A linguagem rica e poética de Asturias, cheia de figuras de linguagem, cria uma atmosfera densa que espelha a opressão do regime. Ambas as abordagens são eficazes em transmitir a profundidade do sofrimento e da resistência, embora utilizem técnicas distintas.

Por fim, *O Senhor Presidente* é considerada uma obra-prima da literatura latino-americana, influenciando gerações de escritores e leitores com sua crítica incisiva ao autoritarismo. A obra de Asturias permanece relevante e muito estudada, servindo como um lembrete constante das consequências da tirania dos regimes ditatoriais fascistas na América Latina. *Homens ao Sol* é também uma obra influente e bastante estudada atualmente, sendo um dos trabalhos mais importantes de Kanafani, um testemunho crucial da luta e do sofrimento do povo palestino, submetido a um regime de segregação, violência colonial e *apartheid*.

(Chomsky, 2023) até o presente momento. Ambas as obras não apenas refletem suas realidades sociais, mas também oferecem insights profundos sobre a natureza humana e a busca incessante por justiça e liberdade.

CONSIDERAÇÕES finais

Este ensaio buscou explorar a luta pela autodeterminação nas prosas palestina e latino-americana, analisando *Homens ao Sol*, de Ghassan Kanafani e *O Senhor Presidente*, de Miguel Ángel Asturias. Embora distintos em suas abordagens narrativas e contextos culturais, ambos os autores convergem na representação das lutas pela autodeterminação.

Ghassan Kanafani, através de um realismo direto, retrata a dura realidade dos refugiados palestinos, evidenciando o desespero e a busca incessante por uma vida digna. Sua narrativa não apenas reflete as condições socioeconômicas e a desumanização, mas também critica a indiferença global em relação ao sofrimento palestino. Miguel Ángel Asturias, utilizando o realismo mágico, constroi uma crítica incisiva aos regimes ditatoriais na América Latina. Sua obra expõe a brutalidade do poder autocrático e as suas consequências devastadoras sobre a sociedade e o indivíduo, servindo como uma advertência contra a tirania.

49

A comparação dessas obras revela a literatura como um meio de resistência cultural e política, assim como enfatizado por Williams (1979). Enquanto Kanafani enfatiza a urgência da luta palestina com um estilo direto, Asturias utiliza o insólito para desvendar as camadas de opressão na sociedade guatemalteca. Ambas as abordagens demonstram a versatilidade da literatura como ferramenta de denúncia e transformação social.

Em conclusão, este estudo reafirma a literatura como um campo essencial para o entendimento das relações de poder e resistência. As obras de Kanafani e Asturias continuam a ser relevantes, proporcionando uma compreensão mais profunda das dinâmicas de opressão e resiliência. Elas exemplificam como a literatura pode articular as experiências dos oprimidos e inspirar a busca por justiça e liberdade.

REFERÊNCIAS

Asturias, Miguel Ángel. *El Señor Presidente*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1946.
Candido, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2023.
Cueva, Agustín. *O marxismo latinoamericano: história e problemas atuais*. LavraPalavra, 21 ago. 2020. Disponível em:

<https://lavrapalavra.com/2020/08/21/o-marxismo-latinoamericano-historia-e-problemas-atuais/>. Acesso em: 13 jul. 2024.

Fanon, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

Ferreira, Yuri. *Noam Chomsky: Apartheid israelense contra Palestina é pior do que a África do Sul*. Revista Fórum, 11 out. 2023. Disponível em:

<https://revistaforum.com.br/global/2023/10/11/noam-chomsky-apartheid-israelense-contra-palestina-pior-do-que-africa-do-sul-145685.html>. Acesso em: 12 jul. 2024.

Galeano, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1978. Gramsci, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

Kanafani, Ghassan. *Homens ao Sol*. Tradução de Safa Jubran. São Paulo: Tabla, 2022.

Lênin, Vladimir Ilitch. *O direito das nações à autodeterminação*. In: *Obras Escolhidas em Três Tomos*. Lisboa: Edições Avante!; Moscovo: Edições Progresso, 1977. Tradução de Edições "Avante!" com base nas Obras Completas de V. I. Lénine, 5.ª ed. em russo, t. 25, p. 255-320. Disponível em:

<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1914/auto/index.htm>. Acesso em: 13 jul. 2024.

Neimneh, Shadi. *Women in the Works of Ghassan Kanafani: A Comparative Reading of Two Novels*. In: Dirasat: Human and Social Sciences, v. 49, n. 5, p. 493–508, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.35516/hum.v49i5.2765>. Acesso em: 12 jul. 2024.

Said, Edward W. *A questão palestina*. Tradução de Sonia Midori. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

Williams, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

Artigo recebido em: 18 de março de 2025.

Artigo Aprovado em: 21 de julho de 2025.